



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 6, N. 1, fevereiro/2025 #49



Universidade
de Fortaleza



BOLETIM ECONÔMICO NUPE - UNIFOR

Vol. 6, N. 1, fevereiro/2025 #49

Reitoria

Reitor Randal Martins Pompeu

Vice-reitoria de Graduação

Vice-reitora Maria Clara Cavalcante Bugarim

Diretora do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão - CCG UNIFOR

Profa. Danielle Batista Coimbra

RESPONSÁVEIS TÉCNICOS

Prof. Felipe Albuquerque Sobral e Silva

Coordenador Curso de Economia UNIFOR

Prof. Allisson David de Oliveira Martins

Coordenador do Núcleo de Pesquisas Econômicas -
NUPE

Prof. Nicolino Trompieri Neto

Curso de Economia UNIFOR / Professor



APRESENTAÇÃO

A Universidade de Fortaleza - Unifor, na sua missão de “contribuir para o desenvolvimento humano por meio da formação de profissionais de excelência e da produção do conhecimento”, reconhecida entre as melhores instituições de ensino superior do mundo, avança mais uma etapa, na seara de estudos econômicos, ao estruturar documento econômico fundamentado em bases científicas sólidas e robustas.

O Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe, vinculado ao curso de Ciências Econômicas da Universidade de Fortaleza, tem a satisfação de apresentar à sociedade cearense mais um número do Boletim Econômico, publicação que analisa o desempenho das economias, no mundo e brasileira, e em especial do Ceará. O Boletim Econômico Nupe é elaborado pelos alunos da disciplina Técnicas em Pesquisas Econômicas, com a orientação e supervisão dos professores do Núcleo de Pesquisas Econômicas - Nupe. Nosso boletim oferece à sociedade cearense, por meio de uma linguagem simples e acessível, informações que contribuem para um maior entendimento da situação presente e das perspectivas da economia para os próximos anos, e, dessa forma, colabora para a formação de uma sociedade reflexiva e de senso crítico, capaz de promover as transformações econômicas e sociais necessárias para a tão almejada arrancada do processo de desenvolvimento econômico do nosso País.

Essa 49ª edição do Boletim Econômico inicia com o artigo de opinião assinado por André Souza, graduado em Economia pela Universidade de Fortaleza, intitulado “**Podemos confiar em modelos de machine learning para prever mercados?**”. Na sequência da presente edição, o leitor encontrará: um panorama sobre a economia internacional; o resultado das atividades econômicas do Brasil, Nordeste e Ceará, detalhado por setores de produção da economia; a performance do mercado de trabalho; e a balança de comércio exterior do Ceará, Nordeste e Brasil.

Boa Leitura!



OPINIÃO:

PODEMOS CONFIAR EM MODELOS DE MACHINE LEARNING PARA PREVER MERCADOS?

André Souza *

A temática predominante no mercado financeiro tem sido a inteligência artificial, não só pelo seu alto potencial de crescimento, como também por sua capacidade de revolucionar a indústria global. Essa tendência é refletida no mercado de ações americano, que hoje é dominado pelo setor de tecnologia.

A inteligência artificial é impulsionada por técnicas de machine learning, que permite às máquinas aprenderem com dados históricos e identificarem padrões ao longo do tempo. Com isso, surge-se a pergunta: é possível ensinar às máquinas a preverem séries financeiras?

Para responder essa pergunta, foi utilizado o índice de ações do setor imobiliário da bolsa brasileira (IMOB) como objeto de estudo, a série temporal abrange o período de janeiro de 2009 e outubro de 2024, tem frequência diária e 3.910 observações no total.

Quando se trata de previsão de preço no mercado de ações, a literatura tem usado modelos econométricos para atingir esse objetivo, que busca identificar correlações entre variáveis, mas que não necessariamente identificam causalidade. Apesar do vasto estudo na área, ainda não há um modelo econométrico em consenso para previsão de séries financeiras.

Dessa forma, foi comparado os modelos econométricos mais utilizados para previsão de preço com técnicas de machine learning, especificamente a metodologia de agregação de bootstrap (bagging).

O bootstrap consiste em um conjunto de modelos aleatórios gerados por máquina, esses modelos são distribuídos em um mesmo espaço de tempo e não seguem tendência ou sazonalidade. Após a geração desses modelos aleatórios (que no caso deste artigo, foram cinco mil), é feita a agregação em uma série só, que busca replicar o objeto de estudo (IMOB). A máquina aprende ao replicar esse processo inúmeras vezes até resultar em um modelo preditivo final.

Os modelos econométricos conseguiram captar choques de curto prazo na série, enquanto o método de machine learning se mostrou menos aderente, resultando em um maior erro de previsão. O motivo desse erro maior ocorre devido ao processo de agregação do bagging, que reduz consideravelmente a variabilidade da série, tornando-a mais estável.

Apesar da menor aderência do modelo de aprendizagem em máquina, foi possível acompanhar as variações de tendência da série ao longo do tempo, diferentemente dos modelos econométricos. Essa metodologia possui utilidade para capturar movimentos de longo prazo, apesar de ter limitações na previsão de choques pontuais.

De fato, ainda não há modelos de machine learning que consigam prever assertivamente as séries do mercado financeiro. O resultado desse estudo indicou que a combinação de ambas as metodologias pode ter potencial, buscando unir a capacidade de adaptação dos modelos econométricos com a robustez dos métodos de aprendizado de máquina.

Os estudos nessa área, que ainda são incipientes, poderão reduzir essas limitações, permitindo avanços significativos na previsão de séries financeiras em um futuro próximo (e bastante promissor).

* Graduado em Economia pela Universidade de Fortaleza (Unifor).

PANORAMA INTERNACIONAL

O cenário internacional continua marcado por incertezas, tensões geopolíticas e mudanças nas cadeias de suprimentos, exigindo atenção às políticas econômicas adotadas por cada país.

Na Ásia, a China permanece como motor do crescimento global, embora em desaceleração. Após crescer 4,8% em 2024, as projeções indicam 4,6% em 2025 e 4,5% em 2026. Apesar da resiliência, o país enfrenta desafios importantes, como os problemas persistentes no setor imobiliário, o envelhecimento populacional e as tensões comerciais com os Estados Unidos. Em resposta, o governo chinês tem promovido estímulos e investido em tecnologia e fortalecimento do consumo interno, embora os efeitos de longo prazo dessas medidas ainda sejam incertos.

O Japão, por sua vez, apresenta um comportamento mais volátil. Após retração de 0,2% em 2024, projeta crescimento de 1,1% em 2025 e 0,8% em 2026. O país continua lidando com entraves estruturais, como o envelhecimento da população e a dependência da importação de energia, o que exige reformas e investimentos em inovação tecnológica.

Na Europa, observa-se um desempenho heterogêneo. A Espanha lidera o crescimento na região, com alta de 3,1% em 2024, embora haja desaceleração prevista para 2,3% em 2025 e 1,8% em 2026, à medida que se esgotam os efeitos da recuperação pós-pandemia, especialmente no setor de turismo. O país também enfrenta entraves estruturais, como a elevada dívida pública, que limita os investimentos em infraestrutura e inovação.

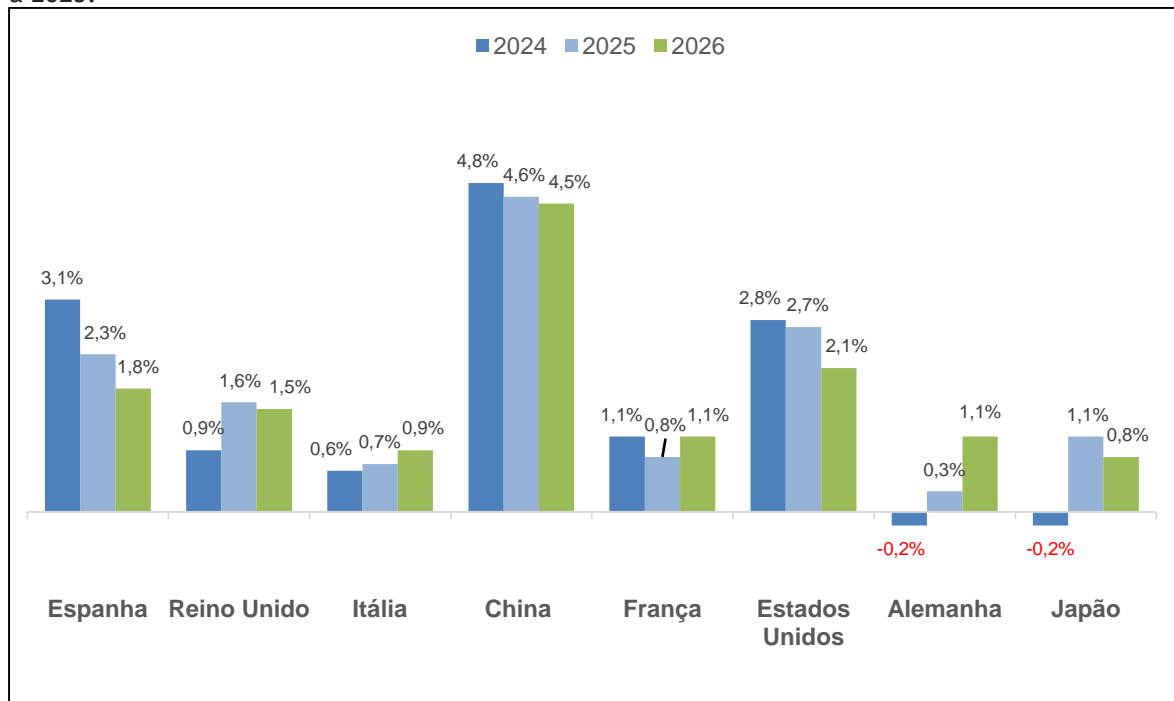
A França projeta crescimento de 0,8% em 2025 e 1,1% em 2026, impulsionada por reformas trabalhistas e investimentos em energia sustentável. No entanto, o país ainda lida com desafios como o desemprego elevado e a instabilidade social, que afetam o ambiente de negócios. O Reino Unido, por sua vez, continua absorvendo os impactos do Brexit. Com crescimento estimado de 1,6% em 2025 e 1,5% em 2026, a economia britânica enfrenta inflação persistente e juros elevados, que pressionam o consumo, embora haja avanços em setores como tecnologia e energia renovável.

Itália e Alemanha também apresentam crescimento modesto, condicionado por desafios estruturais. A Itália deve crescer 0,7% em 2025 e 0,9% em 2026, limitada por alta dívida pública, baixa produtividade e burocracia. A Alemanha, que iniciou 2024 em recessão (-0,2%), apresenta uma recuperação lenta, com projeções de 0,3% em 2025 e 1,1% em 2026. O país investe em digitalização e indústrias verdes, mas enfrenta pressões inflacionárias decorrentes do aumento dos custos energéticos, intensificados pela guerra entre Rússia e Ucrânia.

Nos Estados Unidos, os sinais de desaceleração tornam-se cada vez mais evidentes. O crescimento, estimado em 2,8% em 2024, deve cair para 2,7% em 2025 e 2,1% em 2026. A inflação persistente, os juros elevados e as incertezas políticas afetam a confiança dos investidores e o consumo interno. Além disso, o aumento dos gastos públicos impulsionou a dívida nacional, gerando preocupações quanto à sustentabilidade fiscal no médio prazo.

Em termos globais, o cenário econômico permanece desafiador. As tensões geopolíticas, como a rivalidade entre Estados Unidos e China, as restrições tecnológicas e os conflitos regionais, como a guerra na Ucrânia, continuam impactando o comércio internacional e pressionando os custos das commodities.

Gráfico 1 - Crescimento real anual (%) do Produto Interno Bruto (PIB) - Países selecionados - 2023 a 2025.



Fonte: International Monetary Fund, World Economic Outlook Database - Atualizado em jan/2025.

A ATIVIDADE ECONÔMICA E ANÁLISE SETORIAL

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) consolidou-se como um dos principais indicadores antecedentes do Produto Interno Bruto (PIB), permitindo um acompanhamento mais dinâmico da economia brasileira. Sua divulgação mensal oferece parâmetros valiosos para a formulação da política monetária, além de orientar decisões do setor privado.

Embora não substitua o PIB oficial, divulgado pelo IBGE, o IBC-Br reúne informações de setores estratégicos como comércio varejista, indústria, serviços e arrecadação tributária, funcionando como um termômetro da atividade econômica nacional e regional.

Em 2024, o IBC-Br registrou crescimento acumulado de 3,88%, superando a expansão de 2,69% em 2023. Esse avanço refletiu uma recuperação gradual da economia, ainda que marcada por oscilações ao longo do ano. No início de 2024, o índice cresceu de forma moderada – atingindo 2,78% em fevereiro – , mas desacelerou a partir de março, com variação de 2,19%, em função de pressões inflacionárias e expectativas de alta nos juros.

A partir de maio, o fortalecimento do mercado de trabalho, a melhora na confiança do setor produtivo e a estabilidade do consumo das famílias contribuíram para uma retomada mais firme da atividade econômica. Mesmo diante de um cenário de inflação, o dinamismo nos setores de comércio e serviços sustentou o crescimento, com destaque para os serviços prestados às famílias, comunicação e comércio varejista. A indústria também apresentou bom desempenho, especialmente nos segmentos de transformação e construção, compensando a retração observada na agropecuária.

O consumo das famílias foi o principal motor do crescimento, sustentado por um mercado de trabalho mais robusto e maior acesso ao crédito. Além disso, os investimentos (Formação Bruta de Capital Fixo) surpreenderam positivamente, registrando expansão acelerada ao longo do ano.

O Nordeste superou a média nacional, com um crescimento de 4,03% em 2024, alavancado por setores como turismo, energias renováveis e comércio varejista. O Ceará foi o grande destaque da região, registrando um impressionante crescimento de 5,5%, refletindo esforços em diversificação econômica, modernização do agronegócio e investimentos em infraestrutura. Projetos estratégicos, como parques eólicos e solares, consolidaram o estado como referência em sustentabilidade e inovação tecnológica. Além disso, políticas públicas eficazes voltadas à qualificação profissional e incentivos

fiscais atraíram investimentos privados, fortalecendo a competitividade do estado em mercados globais.

Apesar do desempenho positivo em 2024, as projeções para 2025 indicam desaceleração da atividade econômica, reflexo da expectativa de uma política monetária mais contracionista e do cenário internacional incerto. A taxa Selic, mantida em patamares elevados (14,25% ao ano, atualmente), e as tensões comerciais globais são apontadas como fatores que podem limitar o crescimento no curto prazo. Ainda assim, o mercado de trabalho aquecido e a resiliência de setores estratégicos podem continuar oferecendo suporte à economia brasileira, especialmente se houver avanços em políticas de incentivo ao investimento e à produtividade.

Gráfico 2 - Crescimento acumulado dos últimos 12 meses (%) do Índice de Atividade Econômica do Banco - Brasil, Nordeste e Ceará - Set/23 a Set/24.



Fonte: Banco Central do Brasil (BCB). Elaboração: NUPE/UNIFOR.

O Setor Agrícola

O setor agrícola brasileiro segue desempenhando um papel central na economia do país, responsável por aproximadamente 22% do PIB nacional em 2024, conforme dados do Cepea/Esalq-USP em parceria com a CNA. Embora esse número represente uma leve queda em relação aos 23,5% de 2023, o agronegócio continua sendo um dos principais vetores de crescimento, impulsionado por avanços tecnológicos, aumento da produtividade e expansão das exportações.

A safra 2024/2025 apresenta projeções positivas, segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab): espera-se crescimento de 2,1% na área cultivada, 7,1% na produtividade e 9,4% na produção agrícola. Esses resultados são impulsionados por culturas-chave como soja, milho e trigo, que mantêm o Brasil entre os principais exportadores de commodities do mundo.

Contudo, o desempenho do setor ocorre em meio a um cenário desafiador. O ano de 2024 foi marcado por temperaturas recordes e baixa precipitação, com forte estiagem e calor intenso, o que gerou incêndios em diversas regiões e afetou diretamente a produção agrícola.

Na ótica regional, apesar das adversidades climáticas, o Nordeste brasileiro apresenta um quadro relativamente positivo. A expectativa da Conab é de crescimento de 4,5% na área plantada, 1,8% na produtividade e 6,4% na produção agrícola em 2024/2025. Esse desempenho é atribuído, em parte, ao uso crescente de tecnologias agrícolas e ao aprimoramento das técnicas de manejo, que têm ajudado a região a lidar melhor com os efeitos da estiagem.

Destaca-se também o avanço da região de MATOPIBA – fronteira agrícola que engloba Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia –, onde a expansão da agricultura continua em ritmo acelerado, refletindo o investimento em infraestrutura e inovação.

Diferentemente do panorama nacional e regional, o Ceará enfrenta um cenário desafiador. As projeções indicam queda de 10,1% na produtividade e 8,5% na produção agrícola, mesmo com um

modesto aumento de 1,8% na área cultivada. Esse recuo é explicado, principalmente, pela estiagem prolongada e pelas altas temperaturas, que contrastam com a excelente quadra chuvosa da safra anterior.

Apesar da retração esperada, o agronegócio cearense tem demonstrado crescimento consistente nas últimas décadas, sustentado pela adoção de tecnologias, melhorias no manejo e diversificação produtiva. A expectativa é que, mesmo diante de um ano difícil, o setor consiga se adaptar e manter sua relevância econômica na região.

Tabela 1 – Comparativo de área, produtividade e produção de grãos - produtos selecionados (*) - safras 2023/24 e 2024/25 (**) - Brasil, Nordeste e Ceará.

REGIÃO/ UF	ÁREA (Em mil ha)			PRODUTIVIDADE (Em kg/ha)			PRODUÇÃO (Em mil t)		
	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %	Safra 23/24	Safra 24/25	VAR. %
Ceará	971,5	988,8	1,8	864,0	776,8	-10,1	839,4	768,1	-8,5
Nordeste	9.654,6	10.089,5	4,5	2.921,0	2.973,0	1,8	28.200,4	29.998,1	6,4
Brasil	79.940,5	81.628,7	2,1	3.725,0	3.990,0	7,1	297.746,9	325.708,2	9,4

Fonte: Conab. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, canola, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), gergelim, girassol, mamona, milho (1ª, 2ª e 3ª safras), soja, sorgo, trigo e triticale;

(**) São estimativas geradas pelo Conab em fevereiro de 2024.

O Setor da Indústria

Em 2024, o setor industrial brasileiro apresentou sinais concretos de recuperação, com crescimento acumulado de 3,1% até dezembro, segundo a Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física (PIM-PF) do IBGE. No Nordeste, o avanço foi mais moderado, de 2,5%, enquanto o Ceará se destacou com uma expansão expressiva de 6,9%, consolidando-se como um dos estados mais dinâmicos do país nesse setor.

Esse desempenho positivo é reflexo da atuação da indústria de transformação, que teve papel central no crescimento da atividade industrial. No Brasil, esse segmento cresceu 3,6%, no Nordeste 3,0%, e no Ceará, também 6,9%. O setor inclui atividades como metalurgia, têxteis, fabricação de máquinas e equipamentos, e tem se mostrado resiliente mesmo diante de desafios como a alta da inflação, a valorização do dólar e os custos logísticos elevados.

No caso do Ceará, setores específicos foram responsáveis por impulsionar a performance industrial. Destacam-se: Têxteis: +29,3%, Confeção de artigos do vestuário: +20,1%, Produtos de metal (exceto máquinas e equipamentos): +28,4%, Couro: +18,3%, Metalurgia: +15,1%, Produtos minerais não-metálicos: +7,5%, Bebidas: +6,5% (acima das médias nacional e regional). Esses resultados demonstram não apenas um crescimento quantitativo, mas também a diversificação produtiva e o fortalecimento de cadeias industriais locais com maior valor agregado. O avanço foi sustentado por investimentos públicos e privados, políticas de incentivo e melhorias na infraestrutura produtiva.

Contudo, o bom desempenho não foi generalizado. Alguns segmentos enfrentaram retração no estado: Máquinas, aparelhos e materiais elétricos: -16,8%, Produtos de coque, derivados do petróleo e biocombustíveis: -8,5%, Produtos químicos: -4,2%, Produtos alimentícios: -3,7% (em contraste com o crescimento de 1,5% no Brasil). Esses recuos foram causados por fatores como a volatilidade dos preços globais de energia, elevado custo de insumos, gargalos logísticos e redução na demanda interna.

O setor extrativo apresentou uma dinâmica ainda mais desafiadora. Nacionalmente, permaneceu estável (0,0%), mas o Nordeste registrou uma retração de -8,2%, com destaque negativo para atividades ligadas à exploração mineral e petróleo. No caso do Ceará, não há dados divulgados para essa atividade.

Neste contexto, a performance da indústria brasileira em 2024 foi marcada pela recuperação da indústria de transformação, com ganhos significativos em estados como o Ceará, que superaram as médias nacional e regional.

Tabela 2 - Variação (%) do volume de produção da indústria geral e das atividades industriais-Brasil, Nordeste e Ceará - Acumulado no ano até dezembro de 2024 ⁽¹⁾.

Atividades de Indústria	Brasil	Nordeste	Ceará
Indústrias de transformação	3,6	3,0	6,9
Produtos alimentícios	1,5	1,0	-3,7
Bebidas	1,2	6,3	6,5
Produtos do fumo	-0,9	-	-
Produtos têxteis	4,7	6,7	29,3
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	3,9	5,4	20,1
Preparação de couros e fabricação de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	3,6	1,8	18,3
Produtos de madeira	8,2	-	-
Celulose, papel e produtos de papel	2,8	2,0	-
Impressão e reprodução de gravações	-1,4	-	-
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	1,2	1,6	-8,5
Outros produtos químicos	3,3	3,0	-4,2
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	-1,6	-	-
Produtos de borracha e de material plástico	5,1	11,3	-
Produtos de minerais não-metálicos	3,9	5,4	7,5
Metalurgia	2,7	-6,7	15,1
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	5,0	17,6	28,4
Equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos	14,7	-	-
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	12,2	-5,0	-16,8
Máquinas e equipamentos	2,8	-	-
Veículos automotores, reboques e carrocerias	12,4	8,6	-
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	10,4	-	-
Móveis	9,5	-	-
Produtos diversos	0,9	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos	-2,1	-	-
Indústrias extrativas	0,0	-8,2	-
Indústria geral	3,1	2,5	6,9

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Indústria. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2024 a dezembro/2024 (Base: igual período do ano anterior).

O Setor de Serviços

O setor de serviços manteve trajetória de crescimento em 2024, consolidando-se como um dos principais vetores da atividade econômica brasileira. Segundo dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE, o volume total de serviços no país cresceu 3,2% no acumulado do ano, resultado impulsionado principalmente pelos segmentos de tecnologia da informação, serviços técnicos especializados e serviços prestados às famílias.

Tabela 3 – Variação (%) do volume de serviços, atividades e subatividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no ano até dezembro de 2024⁽¹⁾.

Atividades e Subatividades *	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Serviços prestados às famílias	4,5	6,1	3,2	7,9
Serviços de alojamento e alimentação	4,6	-	-	-
Alojamento	1,5	-	-	-
Alimentação	5,5	-	-	-
Outros serviços prestados às famílias	3,4	-	-	-
Serviços de informação e comunicação	6,2	5,1	9,2	-0,5
Serviços de Tecnologia de Informação e Comunicação (TIC)	6,3	-	-	-
Telecomunicações	4,8	-	-	-
Serviços de Tecnologia da Informação	7,9	-	-	-
Serviços audiovisuais, de edição e agências de notícias	5,7	-	-	-
Serviços profissionais administrativos e complementares	6,6	-3,7	5,1	-0,8
Serviços técnico-profissionais	15,8	-	-	-
Serviços administrativos e complementares	0,4	-	-	-
Aluguéis não imobiliários	2,0	-	-	-
Serviços de apoio às atividades empresariais	-0,2	-	-	-
Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio	-0,7	1,6	3,0	1,0
Transporte terrestre	-2,0	-	-	-
Rodoviário de cargas	-4,6	-	-	-
Rodoviário de passageiros	1,9	-	-	-
Outros segmentos do transporte terrestre	3,5	-	-	-
Transporte aquaviário	3,9	-	-	-
Transporte aéreo	5,2	-	-	-
Armazenagem, serviços auxiliares aos transportes e correio	-0,7	-	-	-
Outros serviços	1,2	0,1	-2,4	-1,5
Esgoto, gestão de resíduos, recuperação de materiais e descontaminação	4,7	-	-	-
Atividades auxiliares dos serviços financeiros	0,4	-	-	-
Atividades imobiliárias	2,6	-	-	-
Outros serviços não especificados anteriormente	0,3	-	-	-
Total	3,2	0,9	4,4	1,1

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota (1): Variação acumulada de janeiro/2024 a dezembro/2024 (Base: igual período do ano anterior).

Nota (2): O IBGE não divulga as variações do volume de serviços para as subatividades estaduais.

Entre os destaques positivos em âmbito nacional, estão: Serviços profissionais, administrativos e complementares: +6,6%, com forte contribuição dos serviços técnico-profissionais, que cresceram 15,8%; Informação e comunicação: +6,2%, com ênfase no subsetor de tecnologia da informação, que avançou 7,9%; Serviços prestados às famílias: +4,5%, liderados pelos serviços de alimentação (+5,5%); Gestão de resíduos: +4,7%, dentro da categoria de "outros serviços", que teve aumento modesto de 1,2%.

Apesar do bom desempenho geral, o setor de transportes, serviços auxiliares e correio apresentou retração de 0,7% em 2024. A queda foi puxada pelo recuo de 4,6% no transporte rodoviário de cargas e

de 2% no transporte terrestre como um todo, refletindo gargalos logísticos e elevação de custos, como o aumento no preço do querosene de aviação (QAV), que impactou o transporte aéreo.

No cenário regional, o desempenho foi heterogêneo, refletindo as diferentes estruturas econômicas e níveis de especialização dos estados. O Ceará registrou crescimento de 0,9% no volume total de serviços, Pernambuco avançou 4,4% e a Bahia, 1,1%. Um dos principais motores do crescimento no Ceará foi o segmento de serviços prestados às famílias, que cresceu 6,1% no estado, acima da média nacional. Na Bahia, esse mesmo grupo apresentou aumento de 7,9%, enquanto em Pernambuco a alta foi de 3,2%. Esse desempenho reflete a ampliação da renda e o estímulo ao consumo, especialmente em um contexto de mercado de trabalho aquecido.

Apesar dos avanços em áreas de maior especialização, a recuperação completa do setor de serviços pós-pandemia ainda enfrenta obstáculos estruturais. Os altos custos operacionais, a volatilidade nos preços de energia e combustíveis, além da necessidade de investimentos em infraestrutura e inovação, continuam sendo entraves à expansão sustentável.

O fortalecimento de segmentos com maior valor agregado – como os serviços técnicos, de tecnologia e de informação –, aliado à superação de gargalos logísticos e à modernização do transporte de bens e pessoas, será essencial para que o setor de serviços continue impulsionando o crescimento econômico nacional de forma mais equilibrada e inclusiva entre as regiões.

A Atividade do Comércio

O comércio varejista e o varejista ampliado no Brasil mantiveram uma trajetória positiva ao longo de 2024, refletindo o fortalecimento do consumo das famílias em meio a um contexto de aumento da renda disponível, queda no desemprego e maior acesso ao crédito. Segundo a Pesquisa Mensal de Comércio (PMC) do IBGE, o volume de vendas do comércio varejista cresceu 4,7% no acumulado nacional do ano, enquanto o comércio varejista ampliado registrou alta de 4,1%.

A região Nordeste apresentou resultados acima da média nacional, com destaque para o Ceará, que acumulou crescimento de 7,8% no varejo restrito – o maior entre os estados analisados –, seguido pela Bahia (7,4%) e Pernambuco (5,2%). No varejo ampliado, o desempenho também foi expressivo: Pernambuco e Ceará cresceram 7,4%, enquanto a Bahia registrou 6,1%. Esses números evidenciam uma recuperação econômica sólida na região, sustentada por: Reajustes salariais acima da inflação (medida pelo IPCA); Expansão do crédito ao consumidor; Melhora nos indicadores do mercado de trabalho; Confiança do consumidor em alta.

Entre os segmentos do comércio varejista, os artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos lideraram o crescimento. O Ceará teve um desempenho excepcional, com alta de 17,6%, superando a média nacional (14,2%). A Bahia cresceu 13,4% e Pernambuco, 10,3%. Esse avanço reflete a priorização de itens essenciais, especialmente de saúde e higiene, em um momento de maior conscientização sobre bem-estar e planejamento financeiro.

No comércio varejista ampliado, os setores de veículos e materiais de construção também se destacaram, uma vez que o Brasil e os estados analisados apresentaram crescimento no volume de vendas em 2024.

O desempenho sólido do comércio nos estados nordestinos evidencia a relevância crescente da região no cenário econômico nacional. O Ceará, em especial, consolida-se como um polo estratégico do varejo, não apenas pelo crescimento em volume de vendas, mas também pela diversificação dos segmentos em alta, como saúde, cosméticos, veículos e materiais de construção.

A Bahia e Pernambuco também se destacaram pelo dinamismo comercial, refletindo os efeitos positivos de programas de incentivo ao consumo, investimentos em infraestrutura urbana e a adaptação das empresas às novas demandas do mercado.

O cenário positivo do comércio em 2024 reflete tanto a resiliência do consumo interno quanto a capacidade de adaptação das empresas varejistas, formais e informais, diante de um ambiente econômico mais estável. No entanto, desafios persistem, especialmente relacionados ao custo elevado do crédito e às oscilações de confiança econômica global.

Tabela 4 - Variação (%) do volume de vendas do comércio e atividades - Brasil e Estados selecionados - Acumulado no ano até dezembro de 2024⁽¹⁾.

Comércio e atividades	Brasil	Ceará	Pernambuco	Bahia
Comércio varejista	4,7	7,8	5,2	7,4
Combustíveis e lubrificantes	-1,6	10,1	0,0	-0,2
Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	4,6	5,3	6,3	9,9
Hipermercados e supermercados	5,2	5,4	8,1	11,0
Tecidos, vestuário e calçados	2,9	5,4	-7,3	3,1
Móveis e eletrodomésticos	4,1	6,0	10,3	8,1
Móveis	5,8	11,6	4,3	10,1
Eletrodomésticos	3,6	4,3	12,2	6,6
Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos	14,2	17,6	10,3	13,4
Livros, jornais, revistas e papelaria	-7,7	-4,3	2,0	-23,7
Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação	0,7	-2,9	-7,4	-20,9
Outros artigos de uso pessoal e doméstico	7,1	13,5	6,5	11,3
Comércio varejista ampliado	4,1	7,4	7,4	6,1
Veículos, motocicletas, partes e peças	11,6	2,7	19,5	16,7
Material de construção	4,8	14,5	2,1	14,5
Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo	-7,1	6,7	1,9	-10,0

Fonte: IBGE. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) Variação acumulada de janeiro/2024 a dezembro/2024 (Base: igual período do ano anterior).

O MERCADO DE TRABALHO NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

O panorama do mercado de trabalho brasileiro no início de 2025 tem sido marcado por uma performance dividida. Apesar da criação de 137,3 mil novas vagas formais, o número ficou aquém das expectativas do mercado, que projetava cerca de 192,5 mil postos. A taxa de desemprego, por sua vez, manteve-se estável, com média nacional de 6,5% no encerramento do primeiro mês do ano, alinhando-se às previsões de especialistas.

Embora a geração de empregos não tenha atingido as expectativas, o mercado ainda apresenta características de escassez de mão de obra em determinados setores, especialmente em serviços e comércio. Essa situação tem mantido a taxa de desemprego em um patamar relativamente baixo, mas, ao mesmo tempo, exerce pressões sobre a inflação e influencia diretamente o comportamento da política monetária, em especial nas decisões sobre a taxa de juros.

No Nordeste, as tendências também são heterogêneas. Algumas unidades da região, como o Ceará, têm apresentado evolução positiva, principalmente nas áreas de comércio, serviços e agronegócio. Esse cenário reflete a desigualdade no crescimento da força de trabalho, com taxas de desemprego ainda superiores à média nacional.

No caso do Ceará, o desempenho do mercado de trabalho, embora em janeiro tenha apresentado resultado negativo, ou seja, mais desligamentos que admissões, o cenário ainda é positivo, em função dos resultados dos últimos meses.

Tabela 5 - Evolução mensal de admissões, desligamentos e saldo - Brasil, Nordeste e Ceará (mil pessoas) - janeiro/2023 a janeiro/2024 ⁽¹⁾.

Período	Brasil				Nordeste				Ceará			
	Adm.	Deslig.	Sald.	Var.%(2)	Adm.	Deslig.	Sald.	Var. %	Adm.	Deslig.	Sald.	Var. %
jan-24	2.111,7	1.938,4	173,2	0,38	274,5	263,9	10,6	0,14	49,4	48,0	1,4	0,11
fev-24	2.276,3	1.969,4	306,9	0,67	277,4	265,0	12,4	0,16	48,8	45,4	3,4	0,25
mar-24	2.284,4	2.039,8	244,6	0,53	294,4	277,5	16,9	0,22	49,6	43,2	6,4	0,47
abr-24	2.281,9	2.042,8	239,1	0,52	293,4	269,6	23,8	0,31	51,0	45,5	5,5	0,40
mai-24	2.141,4	2.002,0	139,4	0,30	290,3	256,0	34,3	0,45	52,9	45,8	7,2	0,52
jun-24	2.091,3	1.885,0	206,4	0,44	287,3	238,6	48,7	0,63	53,4	45,8	7,6	0,55
jul-24	2.205,3	2.013,5	191,7	0,41	304,5	263,8	40,7	0,52	55,3	51,9	3,4	0,24
ago-24	2.252,7	2.013,2	239,5	0,51	336,3	261,1	75,3	0,96	58,9	48,6	10,3	0,74
set-24	2.181,7	1.929,1	252,6	0,53	322,9	243,9	79,0	1,00	55,4	45,7	9,7	0,69
out-24	2.234,4	2.101,8	132,6	0,28	297,6	278,5	19,1	0,24	53,9	50,9	3,0	0,21
nov-24	1.992,7	1.885,4	107,3	0,23	274,8	249,4	25,4	0,32	49,8	45,2	4,6	0,32
dez-24	1.530,3	2.076,9	-546,6	-1,14	212,4	270,7	-58,2	-0,73	36,7	43,2	-6,5	-0,46
jan-25	2.271,6	2.134,3	137,3	0,29	299,5	302,2	-2,7	-0,03	53,0	54,3	-1,2	-0,09
Acum. do Ano	25.584,0	23.897,3	1.686,7	3,7	3.465,9	3.138,0	327,9	4,2	615,2	559,1	56,0	4,1
Acum. dos últimos 12 meses	25.744,0	24.093,2	1.650,8	3,6	3.490,9	3.176,2	314,6	4,1	618,8	565,4	53,4	3,9

Fonte: Novo Caged - SEPRT/ME (2024). Elaboração: NUPE/UNIFOR. Notas: (1) Dados do Novo Caged com ajuste para 2023 e 2024. (2) A variação mensal do emprego toma como referência o estoque do mês anterior, sem ajustes.

O COMÉRCIO EXTERIOR NO BRASIL, NORDESTE E CEARÁ

O comércio exterior brasileiro em fevereiro de 2025 apresentou queda nas exportações e crescimento expressivo nas importações. As exportações totalizaram US\$ 22,93 bilhões, uma retração de -1,8% em relação ao mesmo mês do ano anterior. No acumulado do ano, até fevereiro, as exportações somaram US\$ 48,25 bilhões, registrando uma queda de -3,6%. Já no acumulado de 12 meses, as exportações alcançaram US\$ 335,25 bilhões, uma variação negativa de -3,3%.

As importações, por outro lado, cresceram 27,6% em fevereiro, totalizando US\$ 23,25 bilhões. No acumulado do ano, chegaram a US\$ 46,32 bilhões (+19,6%) e, no acumulado de 12 meses, atingiram US\$ 270,46 bilhões (+12,1%). Como resultado, a balança comercial brasileira registrou um déficit de US\$ 323,7 milhões no mês de fevereiro de 2025. Apesar disso, o acumulado do ano ainda mostra superavit de US\$ 1,93 bilhão, embora com redução de -82,9% em relação ao mesmo período do ano anterior. No acumulado de 12 meses, o superavit foi de US\$ 64,78 bilhões, com queda de -38,5%.

A corrente de comércio (soma de exportações e importações) teve crescimento de 11,1% em fevereiro, totalizando US\$ 46,18 bilhões, com alta de 6,5% no acumulado do ano (US\$ 94,57 bilhões) e de 3,0% no acumulado de 12 meses (US\$ 605,71 bilhões).

O desempenho regional, especialmente no Nordeste, foi mais desafiador. Em fevereiro de 2025, as exportações da região totalizaram US\$ 1,52 bilhão, com queda de -0,5% em relação ao ano anterior. No acumulado do ano, as exportações somaram US\$ 3,24 bilhões (-6,4%), e no acumulado de 12 meses, US\$ 24,95 bilhões, com leve alta de 0,2%.

As importações nordestinas cresceram significativamente: US\$ 2,08 bilhões em fevereiro (+19,7%), US\$ 4,68 bilhões no acumulado do ano (+22,7%) e US\$ 29,58 bilhões em 12 meses (+12,9%). Com isso, a balança comercial da região apresentou déficit de US\$ 553,5 milhões em fevereiro, US\$ 1,44 bilhão no acumulado do ano (-308,7%) e US\$ 4,62 bilhões no acumulado de 12 meses (-256,7%).

No Ceará, em fevereiro de 2025, as exportações cresceram 27,0%, totalizando US\$ 123,8 milhões. No acumulado do ano, atingiram US\$ 226,3 milhões (+8,6%), mas no acumulado de 12 meses, recuaram -20,4%, somando US\$ 1,49 bilhão.

As importações do estado também cresceram: US\$ 211,9 milhões em fevereiro (+17,0%), US\$ 490,2 milhões no acumulado do ano (+9,9%) e US\$ 3,07 bilhões em 12 meses (-2,2%). Como resultado, o déficit comercial do Ceará foi de US\$ 88,2 milhões em fevereiro, US\$ 263,9 milhões no ano (-11,0%) e US\$ 1,59

bilhão nos últimos 12 meses (-24,4%).

O desempenho revela ainda desafios estruturais, como a baixa diversificação da pauta exportadora e a dependência de produtos com menor valor agregado. Além disso, oscilações na demanda internacional e a volatilidade cambial afetam diretamente a competitividade das exportações cearenses.

Tabela 6 - Volume de exportações, importações, saldo e corrente da balança comercial (R\$ milhões) - Brasil, Nordeste e Ceará ⁽¹⁾.

País, Região e Estado	Exportações		Importações		Saldo		Corrente Comercial	
	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %	US\$ Milhões	Var. %
Brasil								
Fevereiro de 2025	22.928,9	-1,8	23.252,6	27,6	-323,7	-106,3	46.181,5	11,1
Acumulado do Ano	48.252,9	-3,6	46.318,6	19,6	1.934,3	-82,9	94.571,5	6,5
Acumulado 12 meses	335.248,2	-3,3	270.463,7	12,1	64.784,4	-38,5	605.711,9	3,0
Nordeste								
Fevereiro de 2025	1.524,9	-0,5	2.078,4	19,7	-553,5	-173,1	3.603,4	10,2
Acumulado do Ano	3.243,0	-6,4	4.680,1	22,7	-1.437,1	-308,7	7.923,1	8,8
Acumulado 12 meses	24.954,7	0,2	29.577,9	12,9	-4.623,2	-256,7	54.532,6	6,7
Ceará								
Fevereiro de 2025	123,8	27,0	211,9	17,0	-88,2	-5,3	335,7	20,5
Acumulado do Ano	226,3	8,6	490,2	9,9	-263,9	-11,0	716,5	9,5
Acumulado 12 meses	1.486,6	-20,4	3.072,3	-2,2	-1.585,7	-24,4	4.558,9	-9,0

Fonte: MDIC/SECEX. Elaboração: NUPE/UNIFOR.

Nota: (1) As variações do acumulado do ano e do acumulado dos 12 meses referem-se a comparações com o mesmo período anterior.

Autores:

Alvaro Gustavo Pinheiro Diogenes
Caio Vinicius de Oliveira E Silva
Cauê Araújo Neira
Francisco Wilton Silva de Araújo
Guilherme Vieira de Santana Mota
Gustavo Lopes Brasil da Silveira
Hugo Pereira Neto
Isaías Willame da Silva Marreiro
Lucas Maciel Do Nascimento
Lucas Rodrigues Sousa da Silva
Luís Artur Costa Vale
Maria Consuelo Silva de Sousa
María de Fátima de Sousa Carvalho
Orleandro Damasceno Buson Filho
Pedro Alex Braga da Costa
Rafael Pérez de Freitas Filho
Raul Freire Belmino da Costa
Sânia da Silva Costa
Tamires Pimentel Torres
Alexandra Carla Elias Oliveira
Antonio Genilson Pereira Lopes
Antônio Ademar Vidal Martins
Daniel Alves De Almeida
Erinaide Leitao Da Cruz
Gabriel Allexandre Flores Schmid
Glaubert Alencar Giffony
Guilherme Miranda Soares
Kaio Correia Bezerra
Ravick Araujo Marques
Roger Cauã Arrais Silva
Samuel Alesxandro Apolinario Xavier

